



Uma memória da saúde na Bahia colonial: a atuação do cirurgião João Cardoso de Miranda

Mariana Dourado da Silva

Este artigo foi fruto do EDITAL N° 01/2020 - Premiação Aldir Blanc Bahia  
Prêmio FUNDAÇÃO PEDRO CALMON, categoria MEMÓRIA

Apoio financeiro



SECRETARIA  
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



Ficha catalográfica gerada pela equipe de Bibliotecárias da Gerência técnica – Getec.

---

S582m Silva, Mariana Dourado da.  
Uma memória da saúde na Bahia colonial: a atuação do cirurgião João Cardoso de Miranda /  
Mariana Dourado da Silva. - 2021.  
18 f.

Produto editorial produzido através da Lei Aldir Blanc Bahia, Prêmio Fundação Pedro Calmon -  
Categoria Memória, 2020.

1. História da Bahia. 2. História da Bahia - Saúde. 3. Miranda, João Cardoso de. I. Artigo  
científico. II. Título.

CDD 981.42  
20. Ed.

---



## Uma memória da saúde na Bahia colonial: a atuação do cirurgião

João Cardoso de Miranda

1

Mariana Dourado da Silva

(Mestranda em História, Cultura e Práticas Sociais. Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus II. E-mail: maridourado89@gmail.com)

O presente artigo tem como finalidade, reconstruir a partir da trajetória social do cirurgião João Cardoso de Miranda, uma memória a respeito da história da saúde para a Bahia do século XVIII. Miranda foi um cirurgião português que desembarcou no Brasil por volta de 1726, fixou-se inicialmente na cidade da Bahia<sup>1</sup>, atuando como cirurgião nos planteis de escravos e homem de negócio no resgate de africanos escravizados na região da Costa da Mina. Em 1749, viajou até a capitania de Minas Gerais para tratar de um problema na visão em uma lagoa onde as águas eram conhecidas por suas propriedades mágicas, após o tratamento, retornou a Bahia e se dedicou principalmente ao negócio de escravos. Neste período, publicou na Corte, a partir de sua experiência enquanto prático de cura e comerciante, duas obras sobre medicina: *Relação Cirúrgica e médica na qual se declara especialmente hum novo methodo para curar a infecção escorbútica* escrita em 1741 e publicada em 1747, e a *Prodigiosa Lagoa Descoberta nas Congonhas das Minas de Sabará* de 1749. O estudo sobre a trajetória social deste personagem torna possível a produção de uma memória da saúde, uma vez que Miranda era um cirurgião reconhecido em uma sociedade onde a hierarquia presente no reino entre os práticos de cura, colocavam os cirurgiões em posição inferior a dos médicos.

**Palavras-chave:** Memória; Saúde; Cirurgiões; Terapêuticas.

<sup>1</sup> No período colonial Salvador era mais conhecida como cidade da Bahia.



## Introdução

A existência do homem é marcada historicamente pelo surgimento de epidemias que foram capazes de desarticular impérios e modificar práticas e costumes em sociedades reconhecidas pela sua organização.<sup>2</sup> Nesse sentido, a doença, principalmente, no período colonial representava uma ameaça à ordem, e quando entendida como um fenômeno social ela é capaz de modificar, reorganizar e transformar as estruturas de uma sociedade, mas, sendo um fenômeno social, a doença se torna também uma porta de entrada para que se compreenda uma determinada sociedade a partir dos aspectos políticos, econômicos e sociais.<sup>3</sup>

Assim, as práticas e métodos de cura usados no tratamento das doenças tornam-se peças fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. Tendo em vista que, na América portuguesa, a prática da medicina era precária muito em virtude das irregularidades no fornecimento e da qualidade dos medicamentos que vinham da Europa, do número insuficiente de médicos e cirurgiões licenciados e da carestia do tratamento realizado por esses profissionais. Nesse contexto, era difícil o acesso de grande parte da população à medicina erudita e frequente a busca por outras práticas de cura. Por outro lado, segundo Keith Barbosa e Flávio Gomes, a procura por curandeiros, barbeiros e sangradores não se justificava apenas pelo elevado preço dos tratamentos propostos por médicos e cirurgiões ou pela ausência destes na colônia. Os conceitos sobrenaturais, atrelados às enfermidades e às artes de curar no século XVIII, tanto na Europa quanto na colônia, estavam presentes entre as várias esferas sociais, fazendo com que a população, do escravo ao governador, recorresse a essas práticas em caso de doença.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Quando a peste chega a Roma, no ano de 300 d. C, a cidade já possuía um grande sistema de esgoto e se preocupava com a higiene; havia também adotado medidas para se conservar a saúde pública, uma delas era a proibição de enterros dentro da cidade, porém a doença consegue desestabilizar todo o Império. CARTWRIGHT, Frederick F.; BIDDISS, Michael. **As doenças e a história**. Tradução de Fernanda Oliveira. Portugal: Publicações Europa-América, 2003, p. 15-16.

<sup>3</sup> REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e a sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História: novos objetos**. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974. p. 141-159.

<sup>4</sup> BARBOSA, Keith de Oliveira; GOMES, Flávio. Doenças, morte e escravidão africana: perspectivas historiográficas. In: PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio. **Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016. p. 274.



Portanto, é necessário entendermos o conceito e as representações da doença no período estudado. Nas sociedades africanas e também europeias a enfermidade assumia um caráter sobrenatural. A saúde dependia da harmonia do homem com seu meio social, antepassados, deuses e com o cosmo ao qual pertencia. O equilíbrio dessa harmonia consistia em uma vida disciplinada, de acordo com as exigências da moral. Assim, a moléstia representava um desequilíbrio nesse sistema, provocado por um erro individual, pela maldade de outras pessoas – feitiçaria –, ou enviada pelos ancestrais ou vodun.<sup>5</sup>

As artes de curar estavam sempre relacionadas ao uso de ervas e plantas medicinais, mas, também ao cumprimento de uma dieta equilibrada que induzia o corpo doente ao encontro do equilíbrio corpóreo e conseqüentemente, a saúde. Vera Regina Beltrão Marques, em seu estudo sobre a medicina praticada pelos boticários no Brasil setecentista, ressalta a importância das plantas medicinais para a produção de remédios e para a medicina que estava se desenvolvendo na época.<sup>6</sup> Neste período, era comum que os cirurgiões e médicos licenciados adotassem terapêuticas de cura da medicina popular entre as práticas de cura da medicina erudita, exemplo de tal prática, são os tratados médicos de Luís Gomes Ferreira o *Erário Mineral* (1735), e a *Relação Cirúrgica e Médica* (1747) de João Cardoso de Miranda que será analisada mais adiante.<sup>7</sup>

Assim, com base na obra *Relação Cirúrgica e Médica* busquei reconstruir uma memória da Bahia colonial a partir da história da saúde e da atuação do cirurgião licenciado João Cardoso de Miranda. O desenvolvimento deste estudo, só foi possível com o apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura (Secut) e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia), Lei Aldir

<sup>5</sup> LÉPINE, Claude. **Os dois reis do Danxome**: varíola e monarquia na África Ocidental 1650-1800. Marília: UNESP; São Paulo: FAPESP, 2000. p. 9.

<sup>6</sup> MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em boiões**: medicinas e boticários no Brasil setecentista. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

<sup>7</sup> FERREYRA, Luís Gomes. **Erário Mineral**. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1735. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=pB8EUKlfz3AC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=pB8EUKlfz3AC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). MIRANDA, João Cardoso de. **Relação Cirúrgica e Médica, na qual se trata, e declara especialmente hum novo método para curar a infecção escorbútica; ou mal de Luanda, e todos os seus produtos, fazendo para isso manifestos dois específicos, e muito particulares remédios**. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, impressor do eminentíssimo senhor Cardeal Patriarca, 1747.



Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

## A Bahia do século XVIII e o cirurgião João Cardoso de Miranda

Pensar um estudo que busque compreender a memória presente no campo historiográfico da saúde, a partir de um personagem como João Cardoso de Miranda, que além de atuar como cirurgião também desempenhou atividades comerciais com o trato negreiro entre a Bahia e a Costa da Mina, permite adentrar em um universo cheio de complexidades como era o período do Antigo Regime. Miranda também atuava na compra de escravos que desembarcavam doentes, com o objetivo de curar suas enfermidades e revende-los. Essa prática considerada comum para o período analisado possibilita a discussão acerca do lugar ocupado pelos cirurgiões nessa sociedade caracterizada pelas suas hierarquias sociais, entretanto, neste primeiro momento, faz-se necessário uma análise sobre a Bahia durante o século XVIII.

Destacando-se entre os três principais portos de desembarque de escravos da América portuguesa, Salvador recebeu durante o século XVIII, aproximadamente, segundo as informações da base de dados do TSTD 831.538 africanos escravizados.<sup>8</sup> Assim, como cidade portuária e fortemente marcada pela escravidão e pelo tráfico transatlântico de escravos, Salvador ao longo do período setecentista, firmou relações comerciais entre os portos de Angola e da Costa da Mina principal fornecedora de mão de obra escrava.<sup>9</sup> Desse modo, o negócio com o continente africano proporcionou a movimentação e o fortalecimento da economia, uma vez que a Bahia fornecia mão de obra para os engenhos e lavouras do Recôncavo, para as áreas urbanas e residenciais e abastecia as minas no interior da capitania e

<sup>8</sup> The Trans Atlantic Slave Trade Database (TSTD), acesso em: 06 de março de 2021. Disponível em <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>.

<sup>9</sup> DOMINGUES, Cândido. **Perseguidores da espécie humana**: capitães negreiros da Cidade da Bahia na primeira metade do século XVIII. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. SOUZA, Daniele Santos de. **Entre o “serviço da casa” e o “ganho”**: Escravidão em Salvador na primeira metade do século XVIII. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.



também as de Minas Gerais, nesse sentido, o escravo se tornou uma das peças mais rentáveis para a manutenção da economia da colônia.

Entretanto, o negócio negreiro caracteriza-se também como uma das faces mais cruéis do período estudado, a longa travessia do Atlântico junto às péssimas condições de sobrevivência antes, durante e após o desembarque na cidade, foram responsáveis por uma alta mortalidade entre os cativos e também pelo desenvolvimento de doenças no além-mar. Estes fatores tornaram necessária a presença do cirurgião nas embarcações que faziam comércio com a costa africana para tratar dos doentes, em alto mar e nas cidades onde as doenças se desenvolviam por todas as partes. É neste cenário, que encontramos o nosso personagem, o cirurgião João Cardoso de Miranda e, para compreendermos a sua atuação na Bahia bem como sua participação no negócio negreiro, precisamos entender o lugar de Miranda dentro dessa sociedade de Antigo Regime e, para isto, é importante entender o conceito e as representações associadas à figura dos cirurgiões na colônia.

Neste sentido, é importante lembrar que durante o período analisado havia uma hierarquia entre os práticos de cura licenciados (médicos, cirurgiões, boticários, sangradores e parteiras), e suas funções. Os boticários, por exemplo, eram encarregados pelo preparo dos remédios, o que os tornavam, segundo Vera Regina Beltrão Marques, “cozinheiros” dos médicos.<sup>10</sup> No reino, os cirurgiões possuíam um estatuto social inferior, isso porque a medicina fazia parte das ciências nobres e, enquanto todos reconheciam a nobreza do ofício dos médicos, os cirurgiões permaneciam ocupando uma posição subalterna.<sup>11</sup> Para o padre dicionarista Raphael Bluteau, cirurgião era aquele que exercitava a arte da cirurgia, mas também curava chagas e feridas.<sup>12</sup> Atraídos pelas riquezas e ascensão social, na América portuguesa esses práticos encararam outra realidade. Conforme Márcia Moisés Ribeiro,

<sup>10</sup> MARQUES, 1999, p. 155.

<sup>11</sup> RIBEIRO, Márcia Moisés. Nem nobre, nem mecânico: a trajetória social de um cirurgião na América portuguesa do século XVIII. **Almanack Braziliense**, São Paulo, v. 2, p. 64-75, 2005, p. 65.

<sup>12</sup> BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 v. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/ptbr/dicionario/edicao/1>. Acesso em: 02 janeiro 2021.



[...] a realidade das Minas como de toda a América portuguesa, marcada pela rara presença de médicos fez com que a força da hierarquia sócio profissional existente no reino não vigorasse aqui com tanta intensidade, tornando tais diferenças mais tênues.<sup>13</sup>

Assim, é a busca por ascensão e prestígio social, que induz o nosso personagem, a embarcar em um navio com destino ao Brasil. Chegando à Bahia por volta de 1724, Miranda fixou-se em Salvador, onde residiu e atuou como cirurgião tanto nos planteis de escravos como no resgate de africanos escravizados entre a Bahia e a Costa da Mina.<sup>14</sup> Em meio as suas andanças e experiências como homem de negócio no tráfico de escravos, deparou-se com o mal de Luanda ou escorbuto, doença que era frequentemente associada a este comércio no século XVIII, e que de acordo com Miranda, matava os infectados em poucos dias. Como licenciado e homem de negócio, buscou formas para controlar e curar tal enfermidade escreveu seu tratado médico e cirúrgico dedicado ao tratamento e cura do escorbuto e de outras doenças que eram relacionadas aos escravos e sua introdução no porto de Salvador, como por exemplo, as bexigas e a erisipela.

Todavia a obra foi escrita em 1741 e publicada somente em 1747. Essa hierarquia mencionada anteriormente, e que estava presente entre os licenciados na Corte ajuda-nos a entender a razão pela qual o trabalho de Miranda não é publicado de imediato. Segundo Maria Cristina Cortez Wissenbach, os cirurgiões constituíam um grupo social visto como pouco habilitado para formular guias, manuais e tratados da medicina, tarefa que cabia apenas aos médicos.<sup>15</sup> E embora possuíssem certo prestígio na Colônia, a liberação para a publicação de um tratado médico partia do reino onde a hierarquia entre os práticos de cura licenciados, era mais evidente. Assim, de acordo com Júnia Ferreira Furtado, os manuais produzidos pelos cirurgiões que residiam na Colônia, apresentavam um novo conhecimento curativo que oscilava entre o popular e o erudito. Além disso, contrariavam a especialização

<sup>13</sup> RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Hucitec, 1997, p.66.

<sup>14</sup> BANDINELLI, Isaac Facchini. **Medicina e comércio na dinâmica colonial: a trajetória social de João Cardoso de Miranda (século XVIII)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História Cultural, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. p. 27.

<sup>15</sup> WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil-Colônia. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). **Erário mineral Luís Gomes Ferreira**. Vol. I e II. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002. p. 113.





das funções estabelecidas na legislação para a prática da medicina na Metrópole e nas Colônias. Desse modo, além de diagnosticar, criar teorias sobre as enfermidades, curar e prescrever medicamentos – funções atribuídas aos médicos – os cirurgiões também produziam os remédios, função exclusiva dos boticários.<sup>16</sup>

A partir dessas informações, é evidente que o tratado médico produzido por Miranda é censurado com base nos princípios desta hierarquia. Aparentemente, Miranda também não teve o mesmo cuidado que Luís Gomes Ferreira ao dialogar com os médicos. No prólogo ao leitor, Gomes Ferreira expõe as razões que o fizeram escrever seu tratado, buscando evitar a ira dos médicos e a censura:

Se for censurado por escrever de Medicina, sendo professor de Cirurgia, respondo que a Cirurgia é parte inseparável da Medicina, e demais, que nas necessidades da saúde os Cirurgiões suprem em falta dos senhores Médicos, e com muita razão em tantas, e tão remotas partes, que hoje estão povoadas nestas Minas, aonde não chegam Médicos, nem ainda Cirurgiões, que professem Cirurgia, por cuja causa padecem os povos grandes necessidades. Para remediar estas, e dar luz aos principiantes nesta região, sai a publico este Erário Mineral.<sup>17</sup>

Como observou Isaac Facchini Badinelli, a publicação de obras no reino e em seus domínios era controlada até 1768 por três tribunais: o Ordinário, o da Inquisição e o Desembargo do Paço.<sup>18</sup> Assim, médicos e cirurgiões que quisessem publicar manuais, guias ou tratados de medicina deveriam obter a aprovação dos três órgãos. O tribunal Ordinário e o da Inquisição defendiam os interesses da Igreja Católica em busca da extinção do protestantismo; em contrapartida, o Desembargo do Paço era a favor dos interesses da coroa, censurando quaisquer obras que se apresentassem contrárias à administração do rei. Além da hierarquia entre os práticos de cura, esse controle que partia dos tribunais, como observou Badinelli, reforçava o poder da metrópole sobre as colônias:

Além dessa hierarquia as obras escritas por residentes nas colônias portuguesas não podiam ser impressas em seu território, somente na metrópole. Isso reforçava o controle e se enquadrava ainda na lógica

<sup>16</sup> FURTADO, Júnia Ferreira. Barbeiros, cirurgiões e médicos nas Minas colonial. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. XLI, pp. 88-105, 2005. p. 90.

<sup>17</sup> FERREYRA, 1735, p. 2.

<sup>18</sup> BANDINELLI, 2018. p. 75.



do sistema colonial, onde as iniciativas não regulamentadas pela metrópole nas colônias, com raras exceções, eram impedidas.<sup>19</sup>

Assim, a obra de Miranda, embora tenha sido escrita em 1741 só foi publicada seis anos depois, após ter obtido licenças da Inquisição em 2 de julho de 1746, do tribunal Ordinário em 11 de outubro do mesmo ano, e do Desembargo do Paço em 7 de janeiro de 1747.<sup>20</sup> Miranda também enfrentou problemas com médicos que o consideravam prepotente por querer publicar as suas receitas. Conhecer a trajetória de Miranda ajuda a compreender os percalços que enfrentou para publicar sua obra. Ele também foi membro da Academia Portopolitana da Natureza, envolvendo-se efetivamente com o tráfico de escravos com a Costa da Mina como já mencionado. Segundo Carlos da Silva Junior, o cirurgião era dono ou senhorio da galera *Nossa Senhora da Penha de França e Boa Hora*, e a partir da sua relação com o tráfico abraçou as disputas entre os comerciantes baianos e a Metrópole a favor do comércio de escravos com a Costa da Mina, e também saiu em defesa dos cirurgiões e da sua liberdade de praticar as artes da cirurgia.<sup>21</sup>

Fazendo parte do grupo de colonos fixados na Bahia e envolvido com o comércio de africanos escravizados na Costa da Mina, João Cardoso de Miranda aparece entre os registros da base de dados do TSTD como senhorio de mais três embarcações o navio *Jesus Maria José e Santana*, o *NS da Penha da França Senhor do Bonfim Santo Antônio e Almas*, e o *Santana e Almas*, além da galera *Nossa Senhora da Penha de França e Boa Hora*, que entre os anos de 1740-1761 registraram 13 viagens da Bahia até aquela região da costa africana, sendo dez das viagens registradas, pertencentes à galera *NS da Penha de França e Boa Hora*, as outras embarcações somam uma viagem cada até a Costa da Mina.<sup>22</sup>

Assim, entende-se que Miranda era um sujeito ativo dentro do comércio de escravos que, de acordo com Badinelli, também era bastante favorecido, devido a sua relação de amizade com o vice-rei André de Mello e Castro, na qual o cirurgião se beneficiara fazendo parte da lista de homens de negócio que tinham autorização

<sup>19</sup> Ibidem, p. 77.

<sup>20</sup> MIRANDA, 1747, p. 1-14.

<sup>21</sup> SILVA JUNIOR, Carlos Francisco da. **Identidades Afro-Atlânticas**: Salvador, Século XVIII (1700-1750). 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. p. 178-179.

<sup>22</sup> TSTD, acesso em 23 de fevereiro de 2021.



para resgatar africanos escravizados na Costa da Mina.<sup>23</sup> Sua relação com o vice-rei também proporcionou a Miranda certa aproximação da elite administrativa da Bahia, segundo Bandinelli, em 1751 após a publicação de seu tratado de medicina sobre o escorbuto, chegara ao porto de Salvador uma embarcação acometida pela doença e o cirurgião foi procurado pelo vice-rei que buscava uma solução para este problema, desse modo, após examinar os doentes na embarcação Miranda deduziu que a enfermidade que acometia a tripulação tratava-se do mal de Luanda e solicitou o seu desembarque para o devido tratamento, porém, os demais cirurgiões e médicos licenciados que estavam presentes no momento do exame, se mostraram contrários a opinião de Miranda e defendiam que a tripulação deveria ficar em quarentena. Não satisfeito, Miranda recorreu ao vice-rei que ordenou o desembarque dos doentes para que recebessem o devido tratamento.<sup>24</sup>

Ainda de acordo com Bandinelli, em 16 de abril de 1753, Miranda havia sido nomeado para um cargo de administração régia. Sendo assim, permaneceu no cargo de segundo avaliador e partidor do conselho e dos órfãos da Cidade da Bahia por aproximadamente três anos, e sua função era administrar os bens dos órfãos menores de 25 anos. É a partir de 1756, quando Miranda deixa seu cargo de administrador régio, que os benefícios começam a diminuir, fazendo com que Miranda volte a solicitar permissão a Mesa de Inspeção para realizar o resgate de africanos na Costa da Mina.<sup>25</sup>

Assim, mesmo mantendo uma intensa relação com o tráfico, segundo Silva Junior e Bandinelli, o licenciado mandou no dia 02 de julho de 1758 um requerimento ao rei D. José I solicitando que os inspetores da Mesa de Inspeção Lourenço da Silva Niza e Frutuozo Vicente Viana fossem intimados, justificando que sua galera havia sido proibida de navegar para a Costa da Mina supostamente pelo seu tamanho, suposição refutada por Miranda, justificando que outra embarcação maior havia sido liberada para seguir viagem para a Costa africana.<sup>26</sup> Sobre estes inspetores, vale enfatizar sua importância no cenário do tráfico para a Bahia. Lourenço, de acordo com Silva Junior, era homem de negócio e emprestava dinheiro

<sup>23</sup> BANDINELLI, 2018, p. 117.

<sup>24</sup> Idem, pp.117-119.

<sup>25</sup> Ibidem, pp. 125-127.

<sup>26</sup> SILVA JUNIOR, 2011, p. 179.



a juro, e Frutuoso foi listado entre os mercadores, traficantes e homens de negócios por José Antônio Caldas, além de ter pertencido à Mesa do Bem Comum dos negociantes da Bahia.<sup>27</sup> O desfecho para essa situação em que Miranda se envolveu foi sua prisão. O episódio, porém, coloca em evidência um ponto já levantado sobre o cirurgião: ele não era um pequeno participante do comércio de escravos, o que de fato o deixava confortável para escrever tal requerimento ao rei. Contudo, não podemos esquecer que, enquanto cirurgião, ele ocupava um lugar subalterno na hierarquia daquela sociedade de Antigo Regime, e talvez este tenha sido o motivo de sua prisão.<sup>28</sup>

Entendido isto, percebe-se que Miranda soube usar das relações de afinidade em benefício próprio, e foram essas relações que tornaram possível a sua permanência no tráfico de escravos. Assim, como posto anteriormente consta na base de dados do TSTD, treze viagens de embarcações pertencentes ao cirurgião entre 1740-1761, que juntas somam um total de 5.674 cativos embarcados dos quais desembarcaram 5.018 na Cidade da Bahia, e a soma dos mortos em alto mar foi de 656 vitimados pelas doenças que se desenvolviam no interior dos navios negreiros.<sup>29</sup>

Nesse sentido, a sua obra *Relação Cirúrgica e Médica*, possibilita a construção de uma memória da saúde em relação à Bahia no período colonial e as práticas de cura utilizadas pelo cirurgião no tratamento das enfermidades dos escravos, e para compreendermos essa memória, faz-se necessário um diálogo com as definições das doenças e as terapêuticas desenvolvidas pelo licenciado no tratamento dos doentes.

## As artes de curar na Relação Cirúrgica e Médica

Dedicada ao então vice-rei e conde das Galveas André de Mello e Castro, a *Relação Cirúrgica e Médica* dispõe de uma série de métodos e práticas terapêuticas para a cura de moléstias que acometiam principalmente, a população escrava. Entre tais enfermidades, destacamos o escorbuto ou mal de Luanda, doença aguda e não

<sup>27</sup> Ibidem, p. 179.

<sup>28</sup> BANDINELLI, p, 102-103.

<sup>29</sup> TSTD, acesso em 23 de fevereiro de 2021.



contagiosa provocada pela ausência de vitamina C, que de acordo com Miranda, foi um dos motivos para que ele elaborasse o seu tratado de medicina.<sup>30</sup>

Sua análise sobre o escorbuto, parte inicialmente do estabelecimento de um diagnóstico preciso acerca dos sintomas e sinais da doença. Desse modo, considerava-se como um dos sintomas da afecção escorbútica a falta de circulação do sangue para o fígado e baço. Essa falha no bombeamento sanguíneo causava o entupimento das veias, coagulando o sangue; por isso a necessidade de se aplicar sangrias nos enfermos. Todavia, essa prática foi criticada pelo cirurgião ao longo de sua obra. Miranda classificou o mal de Luanda como uma enfermidade aguda capaz de matar em poucos dias, com a coagulação do sangue comprometendo a sua fermentação natural. Nesse sentido, uma dieta equilibrada e o uso de chás e ervas como método de cura é apresentado como elemento fundamental no tratamento aos enfermos.<sup>31</sup>

Para Miranda, o escorbuto afetava com mais facilidade aqueles que navegavam. Isso por que, marinheiros e os africanos escravizados poderiam introduzir o ácido peregrino de forma mais acelerada, produzindo sintomas em sua fase mais aguda e causando a morte rapidamente; diferente do que acontecia com os indivíduos que viviam em terra e que, segundo o cirurgião, passavam anos sem sequer sentir os sintomas da doença. Desse modo, seriam os vapores do mar juntamente com o calor excessivo, o frio e o consumo de alimentos corruptos ao longo da travessia atlântica, os principais responsáveis pelo desenvolvimento do escorbuto em alto mar.<sup>32</sup>

A cura por sua vez, era ordenada a partir de três indicações: a primeira consistia em dispor dos alimentos de que deveriam usar os enfermos, entre os alimentos registrados pelo cirurgião encontravam-se à galinha e a carne de sol, por ser mais resistente que deveriam ser consumidas acompanhadas de batatas e outras verduras. As refeições deveriam também acompanhar uma porção de água limpa para melhorar o resultado do tratamento enquanto estavam embarcados. A segunda era tratar de evacuar a causa antecedente, desopilar e abrir as obstruções, opugnar a maligna quantidade; e corroborar as partes ofendidas – trata-se, nesse

<sup>30</sup> MIRANDA, 1747, p. 3.

<sup>31</sup> Idem, p. 3-4.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 4-5.



sentido, da execução de um procedimento de evacuação por vômito ou purga; e, por fim, na terceira indicação, acudir os danos externos.<sup>33</sup>

Sobre os sintomas e sinais da moléstia, Miranda ressaltou que as observações deveriam ocorrer de forma minuciosa, pois o escorbuto, o sarampo e as bexigas tinham a mesma causa, eram recorrentes de um “maligno fermento, que suscitava horrenda, e maligna febre”.<sup>34</sup> Descrevendo-as:

Febre virulenta e uma estranha, e peregrina fermentação, induzida, ou excitada por um especial fermento, salino, ácido, e volátil, que comove o sangue a uma turbada, e violenta ebulição, mediante a qual, se precipita para a cútis a matéria maligna, mediata causa das bexigas e dos sarampos.<sup>35</sup>

Miranda ressaltou que uma das maneiras de identificar se o doente estaria com bexigas ou sarampo era a observação, ou seja, as bexigas apresentavam vários pequenos tumores sobre a região da cútis, “uns elevados no formato piramidal, e outros não tão elevados, mas sempre cheios de matéria mais (clara), e menos volátil, do que os dos sarampos.”<sup>36</sup> Sobre a cura, o cirurgião estendeu uma crítica ao método da sangria afim de elucidar o quão sua prática enfraquecia ainda mais o enfermo. Desse modo, o melhor remédio era uma boa alimentação, optando-se em alguns casos pelo frango cozido e pela introdução de água fervida com cevada na dieta. Miranda também apresenta outros remédios, dando ênfase para alguns escritos e teorias como as de Hipócrates e a ideia de medicina pautada na teoria humoral, onde a saúde dependeria da harmonia entre os humores corpóreos.

As sarnas, por exemplo, é mais uma entre tantas enfermidades que no período colonial eram frequentemente associadas aos africanos escravizados que desembarcavam no porto de Salvador. De acordo com suas definições, as sarnas assim como as outras enfermidades cutâneas eram uma disposição que agia contra a natureza e estavam vinculadas ao sobrenatural, nesse sentido, as sarnas seria o efeito da ação divina. Nesse contexto, é importante mencionar que durante o período estudado era comum à associação das doenças ao sobrenatural, as

<sup>33</sup> Ibidem, p. 8.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 135.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 135.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 135.



moléstias que tinham tal classificação eram comumente conhecidas como “doenças de feitiço”.<sup>37</sup> Para o seu tratamento, o cirurgião receitava um balsamo sulfúreo terebintinado, três onças; magistério de enxofre uma oitava: misture muito bem. Aplica-se esfregando primeiro a parte com pano, e unta-la com um pincel molhado no dito remédio, e se deixa estar descoberta, para que se seque; ou pondo um pano fino em cima; e se repita uma vez a cada dia, alimpando sempre a parte para se lhe aplicar o remédio. O mesmo efeito faz o meu unguento absorvente.<sup>38</sup>

A erisipela foi classificada pelo cirurgião como tumor ou inflamação produzida pelo sangue fervente, e biliofo, extravasado entre a cútis e a cutícula. A doença afeta principalmente a pele causando estagnação dos sucos coléricos. Ainda de acordo com Miranda, suas causas estavam diretamente relacionadas ao resfriamento demasiado na região da cútis que provocaria a constipação dos poros, impedindo a transpiração dos sucos coléricos. Seus sinais eram além da dor, vermelhidão na cútis, dores de cabeça e febres. Existiam ainda três tipos de erisipela, a benigna, a acidental e a perigosa, a primeira só ofereceria perigo à saúde do doente caso fosse medicado com os remédios inadequados ao tratamento, a erisipela acidental segundo Miranda, sempre é perigosa por acompanhar-se de febre violenta e da efervescência na massa sanguínea, já a perigosa, caracterizava-se por atingir os membros internos do corpo e não sendo tratada de maneira adequada acabava tirando a vida do enfermo.<sup>39</sup>

Seu tratamento consistia de acordo com as prescrições do cirurgião, no seguinte remédio “água de papoulas, e xarope áureo, uma onça: tártaro emético grão seis, misture”. O cirurgião também receitava “o cozimento de cevada limpa, ameixas, sementes frias, flores cordeais e tamarindos quatro onças”.<sup>40</sup> Para Miranda, as purgações não eram eficientes no tratamento da erisipela, por isso, o uso dos xaropes eram fundamentais para que a saúde fosse reestabelecida no corpo doente.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 212.

<sup>38</sup> Ibidem, p. 213.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 27-28.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 30-31.



Descrevendo as doenças a partir dos seus detalhes minuciosos, o cirurgião Miranda apresentou além do seu ponto de vista sobre as práticas de cura para tais enfermidades e receitas de remédios acompanhadas de dietas que poderiam auxiliar no tratamento, a existência de um imaginário presente a época que relacionava as moléstias às ações sobrenaturais, ou seja, as doenças de feitiço, a presença dessa percepção de doença relacionada ao sobrenatural mostra que mesmo esse conceito sendo duramente criticado pela medicina luso douta, era comum esse tipo de associação, assim, podemos imaginar que essa memória da saúde para o período colonial estaria fortemente associada a fatores de ordem sobre-humana e a ideia de que a introdução dos africanos escravizados em território colonial seria um dos motivos para o desenvolvimento de tantas enfermidades na colônia.

João Cardoso de Miranda, assim como tantos outros cirurgiões, que saíram da corte portuguesa trazendo seus conhecimentos empíricos e baseados nos ensinamentos de Hipócrates e Galeno, adquiriu durante o período em que manteve residência na Bahia as experiências e conhecimentos da medicina não erudita, além disso, Miranda atribuiu esses conhecimentos as suas terapêuticas de cura.

Assim, a sua trajetória, possibilitou a construção de uma memória da saúde na Bahia setecentista, levando em consideração a sua posição enquanto cirurgião na hierarquia dos licenciados residentes na Corte, que se deslocaram para o Brasil em busca de ascensão social e reconhecimento. Miranda assim como tantos outros cirurgiões dedicou-se a cuidar da saúde do povo da Bahia e acabou envolvendo-se no comércio negreiro através das relações de afinidade que foram construídas durante o período em que residiu na capitania, enquanto homem de negócio dedicou-se ao resgate de africanos escravizados na Costa da Mina e também a compra e revenda de escravos doentes, ou seja, Miranda comprava escravos enfermos, cuidava de suas doenças e os revendia, essa prática assim como o comércio na costa africana, só se tornou possível devido às relações estabelecidas entre o Miranda e a elite que ocupava cargos na Câmara Municipal e no governo-geral.

Nesse sentido, como posto anteriormente, o licenciado soube se beneficiar das suas relações de afinidade que lhe conferiu além de prestígio, o reconhecimento social. A sua obra *Relação Cirúrgica e Médica* (1747), tem sido o fio condutor para





algumas pesquisas relacionadas às práticas de cura no Brasil, desse modo, o estudo sobre a sua trajetória social, enquanto cirurgião e homem de negócio contribuem para o entendimento da sociedade colonial em meio às diversas desigualdades e hierarquias.

A história da saúde da Bahia setecentista apesar de ser um tema ainda pouco visitado pelos historiadores é um campo rico para o desenvolvimento de muitas pesquisas. Portanto, o estudo sobre personagens como João Cardoso de Miranda, além de promover uma análise acerca dessa sociedade colonial e as formas de ascensão em meio às diversas hierarquias sociais, também proporciona um olhar sobre a saúde, à doença e principalmente o corpo doente e as formas encontradas para tratar as mazelas, em um período onde o conhecimento sobre as doenças era limitado.



## FONTES:

MIRANDA, João Cardoso de. **Relação Cirúrgica e Médica, na qual se trata, e declara especialmente hum novo método para curar a infecção escorbútica; ou mal de Luanda, e todos os seus produtos, fazendo para isso manifestos dois específicos, e muito particulares remédios.** Lisboa: Officina de Miguel Rodriguez, impressor do eminentíssimo senhor Cardeal Patriarca, 1747.

FERREYRA, Luís Gomes. **Erário Mineral.** Lisboa: Officina de Miguel Rodrigues, 1735. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=pB8EUKIfz3AC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=pB8EUKIfz3AC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false).

The Trans Atlantic Slave Trade Database (TSTD), acesso em: 06 de março de 2021. Disponível em <https://www.slavevoyages.org/assessment/estimates>.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 v. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/ptbr/dicionario/edicao/1>. Acesso em: 02 janeiro 2021.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARBOSA, Keith de Oliveira; GOMES, Flávio. Doenças, morte e escravidão africana: perspectivas historiográficas. *In*: PIMENTA, Tânia Salgado; GOMES, Flávio. **Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

BANDINELLI, Isaac Facchini. **Medicina e comércio na dinâmica colonial: a trajetória social de João Cardoso de Miranda (século XVIII)**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História Cultural, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

CARTWRIGHT, Frederick F.; BIDDISS, Michael. **As doenças e a história**. Tradução de Fernanda Oliveira. Portugal: Publicações Europa-América, 2003.

DOMINGUES, Cândido. **Perseguidores da espécie humana: capitães negreiros da Cidade da Bahia na primeira metade do século XVIII**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

FURTADO, Júnia Ferreira. Barbeiros, cirurgiões e médicos nas Minas colonial. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. XLI, pp. 88-105, 2005.

LÉPINE, Claude. **Os dois reis do Danxome: varíola e monarquia na África Ocidental 1650-1800**. Marília: UNESP; São Paulo: FAPESP, 2000.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **Natureza em boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e a sua história. *In*: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). **História: novos objetos**. Tradução de Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII**. São Paulo: Hucitec, 1997.

RIBEIRO, Márcia Moisés. Nem nobre, nem mecânico: a trajetória social de um cirurgião na América portuguesa do século XVIII. **Almanack Braziliense**, São Paulo, v. 2, p. 64-75, 2005.

SILVA JUNIOR, Carlos Francisco da. **Identidades Afro-Atlânticas: Salvador, Século XVIII (1700-1750)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SOUZA, Daniele Santos de. **Entre o “serviço da casa” e o “ganho”**: Escravidão em Salvador na primeira metade do século XVIII. 2010. Dissertação (Mestrado em



História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Gomes Ferreira e os símplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil-Colônia. *In*: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). **Erário mineral Luís Gomes Ferreira**. Vol. I e II. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002.